

Δ identidade do teuto-brasileiro na região sul do brasil

Cláudia Andrea Rost¹

1 Introdução

Atualmente, os mais variados meios de comunicação viabilizam o contato das línguas. No século XIX, porém, os imigrantes alemães e seus descendentes continuavam monolíngües em suas línguas maternas, pois a forma de colonização e o isolamento em áreas de floresta no Sul do Brasil desfavoreceram a aprendizagem do português (VANDRESEN, 1996, p. 318).

Somente a partir do século XX surgiu o interesse do governo brasileiro e das comunidades formadas por imigrantes europeus pela aprendizagem do português. No governo Vargas, todavia, o português foi imposto como a língua da educação e dos contextos formais nas comunidades de imigração. Assim, a língua dos imigrantes, que era majoritária nas áreas de colonização, infelizmente, foi relegada devido à violenta repressão lingüística e à obrigatoriedade da inserção da língua portuguesa nas escolas, na imprensa e nas associações.

Após este período de silenciamento do teuto-brasileiro, no qual se impôs a construção da identidade nacional brasileira, sufocando diferenças e expressões regionais em todo o país, o bilingüismo se

⁵ Doutoranda em Lingüística pela Universidade Federal de Santa Catarina. e-mail: rostclaudia@hotmail.com

perpetou na vida dos falantes de diversas comunidades da Região Sul do Brasil (ALTENHOFEN, 2004, p. 85). As línguas alemã e portuguesa aparecem como parte integrante da vida desses cidadãos, embora, na atualidade, tenham funções diferentes na comunidade. De um lado, boa parte dos falantes bilíngües somente emprega o dialeto alemão nas situações em que há mais intimidade, basicamente sob a sua forma oral no convívio familiar e entre amigos nas comunidades rurais. Hoje, de língua de prestígio pelo seu papel na imprensa e na escolarização, passou a ser estigmatizada, associada à “língua de colono”, numa referência ao trabalhador rural (PEREIRA, 2005, p. 192). O português, por outro lado, tende a se difundir cada vez mais entre os descendentes de imigrantes e ser o símbolo da cidade, das camadas mais altas da população e da escola. Na zona urbana, portanto, observa-se a tendência ao desaparecimento do bilingüismo para o retorno do monolingüismo, mas dessa feita em português (MAILER, 2003), embora a cultura alemã prevaleça ainda na decoração das casas, na participação de grupos folclóricos, ou nos momentos de diversão.

Vandresen (1980, 1996), Kahmann (1987), Steiner (1988), Borstel (1992), Sufredini (1993), Mailer (2003) e Altenhofen (2004) entre outros evidenciam que o português falado nas áreas de contato com o alemão apresenta uma gama de variações em diferentes níveis derivada desse intercâmbio lingüístico. Ocorre, porém, que a pronúncia típica “do alemão”, ora vista como característica positiva, ora não, sempre será “marcada, notada e comentada, principalmente em ocasiões especiais e formais” (BORSTEL, 2003, p. 135). Nesse sentido, este artigo procura contribuir com os estudos sobre o uso da língua nas áreas de colonização alemã no Sul do Brasil, identificando um dos traços lingüísticos do português compartilhado pelos informantes teuto-brasileiros do ALERS.

O texto está organizado em cinco partes principais. Na primeira, focalizam-se as áreas de colonização alemã no Sul do Brasil;

na segunda, apresentam-se os estudos sobre o contato lingüísticos e o bilingüismo em português e alemão; na terceira, descrevem-se o *corpus* de investigação dos dados deste estudo e o perfil dos informantes; na penúltima parte, evidenciam-se alguns traços lingüísticos formadores da identidade alemã; e, por fim, na última parte, define-se que traço lingüístico do português prevalece na fala do teuto-brasileiro.

2 Revisão da literatura

2.1 Áreas de imigração alemã no Sul do Brasil

Imigrantes alemães e italianos foram atraídos pelo governo brasileiro para as áreas de floresta da Região Sul com promessas de desenvolvimento da agricultura voltada ao mercado interno. Ao longo do processo migratório (entre 1824 e 1937), fundaram inúmeras colônias, concentradas na região Noroeste de Santa Catarina, no planalto norte do Rio Grande do Sul até o Uruguai, no planalto paranaense e em alguns vales de rios, como o Sinos, Jacuí, Taquari e Caí, no Rio Grande do Sul, e Itajaí em Santa Catarina (SEYFERTH, 1999).

Na Província de São Pedro do Rio Grande do Sul, a primeira colônia alemã foi fundada em 1824 denominada de São Leopoldo. De acordo com Herédia (2001), o sucesso dessa colônia foi um exemplo decisório de colonização européia pelo governo imperial. A partir de 1847, foram ocupadas as colônias como Mundo Novo (atual Taquara), Padre Eterno, Sapiranga e Picada Verão. Houve loteamentos também em Bom Princípio (1846), Caí (1848), Montenegro (1857) e Nova Petrópolis (1858) (CARNEIRO, 2007).

Instalaram-se ainda em 1853, em Estrela e Lajeado e, em 1868, em Teutônia. Até o fim do século, as terras do lado ocidental do

médio Taquari estavam todas ocupadas por imigrantes alemães. Em 1849, foi criada também a colônia de Monte Alverne em Santa Cruz e, em 1855, a de Santo Angelo (CARNEIRO, 2007).

Em Santa Catarina, a colonização alemã iniciou, em 1829, com o estabelecimento da Colônia de São Pedro de Alcântara, em área relativamente próxima à capital Desterro. Na mesma época, colonos alemães instalaram-se em Mafra, próximo ao Paraná. Essas e outras iniciativas de colonização na primeira metade do século XIX não produziram a implementação da agricultura familiar e a ocupação de terras devolutas, uma vez que o reduzido número de imigrantes assentados e nem todos permaneceram nas colônias.

O Vale do Itajaí começou a ser colonizado por alemães em 1850, com a fundação da colônia do Dr. Hermann Blumenau, na confluência do Ribeirão da Velha com o rio Itajaí-açu. Esse projeto deu impulso à colonização alemã na província de Santa Catarina. Outra colônia particular, a Colônia Dona Francisca (depois Joinville), surgiu em 1851 nas terras devolutas do noroeste de Santa Catarina. Quase uma década depois, em 1860, começou o povoamento do principal afluente do Itajaí-açu, com a fundação da colônia Itajaí (Brusque), administrada pelo estado; nesse mesmo ano, o governo imperial assumiu a colônia de Blumenau.

No Paraná, a imigração dos alemães começou em 1829, fixando-se em Rio Negro. Mas, o maior número de imigrantes chegou ao Estado no período entre as guerras mundiais, fugindo dos horrores dos conflitos. Hoje, a maioria dos imigrantes alemães encontram-se em Marechal Cândido Rondon, que guarda na fachada das casas, na culinária e no rosto de seus habitantes a marca da colonização. Há colônias também em Rolândia e Cambé. A maioria deles chegou ao Paraná migrando de Santa Catarina (PARANÁ, 2008).

2.2 Contato lingüístico e bilingüismo em português e alemão no Sul do Brasil

Nas áreas de colonização européia no Sul do Brasil, a questão lingüística costuma ser descrita em três fases:

a fase monolíngüe, quando os imigrantes falavam a língua de origem e, paulatinamente, iniciaram a aquisição do português como segunda língua; a fase bilíngüe, em que os imigrantes e seus descendentes usavam o português como língua do meio externo e a língua de seus ancestrais nas comunicações familiares e comunitárias; e a fase inicial de difusão do português, que corresponde às terceira e quarta gerações dos descendentes, quando se iniciou, em graus variáveis, um processo de mortandade das línguas dos imigrantes (MARGOTTI, 2004, p. 37).

Durante a fase monolíngüe, prevalece a diversidade dialetal alemã de pronúncia bem diferente do alemão literário. Tais dialetos revelam quase sempre a região de onde provém o imigrante. Nas áreas de imigração, a variante da língua alemã mais falada é o *Hunsrückisch*, mas também se encontram o Pomerano (*Pommeranisch*), o vestfaliano (*Westfälisch*) e o suábio (*Schwäbisch*).

Conforme apontado por Alves Jr. (2000), o *Hunsrückisch* ainda é usado por um número considerável de descendentes de colonos de origem germânica do interior catarinense. “Trata-se de uma língua ‘caipira’ que chegou à comarca de Biguaçu no século XIX, com os colonos alemães que povoaram Antônio Carlos, então região pertencente a Biguaçu (Antônio Carlos tornou-se município independente em 6 de novembro de 1963)”.

Após esse período, o contato lingüístico começa a ocorrer na medida em que indivíduos ou comunidades monolíngües são expostos a situações de comunicação com falantes de outra língua. Trata-se, pois, de condição para o indivíduo se tornar bilíngüe (VANDRESEN, 1980, p. 371-372).

Nas comunidades alemãs, o contato lingüístico com portugueses provocou a inovação lingüística e visava ao reajuste da língua ao novo meio cultural. Os imigrantes começaram a adotar termos emprestados do léxico português, porém isso não significava necessariamente que eram bilíngües. Muitos nem tinham consciência dos termos emprestados do português, pois eles se adaptavam à estrutura do linguajar alemão (VANDRESEN, 1980, p. 372-373).

A segunda fase, a bilíngüe, acentua-se nas comunidades de imigração “na década de 30 com o movimento de ‘nacionalização do ensino’ imposto pelo Governo de Getúlio Vargas, que inibia as populações bilíngües de assumirem abertamente seu bilingüismo”.

Acerca do conceito de bilingüismo, ressalta-se que há tempos estudos dialetológicos e variacionistas apontam a dificuldade em delimitá-lo de modo claro e unânime. Weinreich (1953), ao defini-lo simplesmente como o uso alternado de duas línguas, não se pronunciou a respeito do grau de conhecimento que o indivíduo deve ter em relação às duas línguas, tampouco ignorou a questão da proficiência nas quatro habilidades lingüísticas de compreender (ler e ouvir) e expressar (falar, escrever).

Mackey (1962) observa que o bilingüismo é uma característica individual que pode ocorrer em graus variáveis desde uma competência mínima até um domínio completo de mais de uma língua, o que acarreta no problema de avaliação do grau de bilingüismo. No entendimento de Margotti (2004, p. 96), torna-se, portanto, impossível a definição do grau de perfeição atingido por um falante na segunda língua. “Além disso, nem todos os falantes são igualmente

sensíveis em sua língua materna, nem todos possuem o mesmo grau de conhecimento em todos os níveis da língua.”

A terceira fase, a difusão do português, inicia-se quando imigrantes e descendentes de alemães diageracionalmente começam a se apoderar da língua do novo meio. Além disso, nas áreas de abrangência do bilingüismo na Região Sul, é importante atentar-se a diferentes situações e graus de bilingüismo. É preciso, pois, conforme Altenhofen (2002, p. 131-132), considerar, no mínimo, três possibilidades mais amplas:

- a) o português de falantes bilíngües que nasceram e se criaram em uma comunidade de maioria bilíngüe;
- b) o português de falantes monolíngües que nasceram e se criaram em uma comunidade de maioria bilíngüe;
- c) o português de falantes monolíngües sem contato com uma comunidade bilíngüe.

Deduz-se, portanto, segundo Altenhofen (2002, p. 131), que, nas áreas de colonização alemã, apresente-se uma variedade distinta do português, devido às especificidades lingüísticas de seus falantes e às condições de aprendizagem da língua nacional.

2.2.1 O alemão lusitano no Sul do Brasil

Vilela (2004) destaca que “não existe um dialeto teuto-brasileiro unificado. A língua falada pelos descendentes de alemães é, de uma forma ou de outra, formada por diversos dialetos e misturada com o português”.

Segundo estudos, a interferência ocorre quando enunciados de uma língua contêm alguns elementos que pertencem a outra lín-

gua. Nesse sentido, a interferência da língua nacional na língua do imigrante alemão ocorre em todos os níveis da gramática. Vilela (2004) exemplifica as situações em que

o falante bilíngüe teuto-brasileiro se apropria com frequência de expressões e vocábulos da língua portuguesa, já a partir do cumprimento inicial *alles gut?*, uma tradução literal do brasileiro *tudo bem?*, em detrimento da forma corrente na Alemanha de hoje, *wie geht's?*, e da declinação correta *alles gute* (que significa *tudo de bom* e não *como vai*).

Outros exemplos de interferência lexical do português no alemão são evidentes em descrições do mundo animal e da flora, bem como na denominação de meios de transporte, como no caso de *rossa* (roça/Feld), *fakong* (facão/grosses Messer), *aviong* (avião/Flugzeug), *kamiong* (caminhão/Lastwagen). Entre outras apropriações também estão palavras em português cujo diminutivo é formado como no alemão: *canecachen* = caneca (port.) + chen (dim. alemão). Ou mesmo aglutinações híbridas como em *schuhloja* (loja de sapatos, sapataria) ou *milhebrot* (pão de milho). No nível sintático, são frequentes a inversão da ordem da palavras na frase ou no uso de preposições, como por exemplo *träumen mit* (sonhar *com*, ao invés de *träumen von* – sonhar de – do alemão moderno); *bleiben mit Dir* (literalmente ficar *com* você, no lugar do *bleiben bei Dir*) (VILELA, 2004).

Há uma maior tendência de os informantes de áreas bilíngües do ALERS adotarem traços [+padrão] no uso do português, segundo Altenhofen (2002, p. 132), como no caso de formas verbais e da pluralização de substantivos e determinantes. Para o autor, explica-se a ocorrência desse fenômeno devido à forma de aprendizagem do português, que, por muito tempo, restringiu-se à escola e, conseqüentemente, ao registro escrito. Em áreas bilíngües de ale-

mão, no Rio Grande do Sul, por exemplo, há ocorrência de índices mais elevados de uso do pronome *você* em lugar de *tu* e de variantes fonéticas mais próximas da forma escrita, como a manutenção e não-vocalização da lateral em final de sílaba.

Observa-se ainda uma enorme apropriação do português no uso dos verbos, que “ganham” na linguagem do teuto-brasileiro terminações em alemão: *lembrieren*, *namorieren*, *sich realisieren*, *ofendieren*, *respondieren* (VILELA, 2004).

3 O projeto ALERS

O projeto Atlas Lingüístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil foi implementado, em 1987, por uma equipe interinstitucional constituída por três universidades federais. A coleta de dados iniciou efetivamente em 1989 e findou em 1993. O grupo de pesquisa objetiva ampliar o conhecimento da língua portuguesa falada na área rural da região Sul do Brasil e levantar dados para uma teoria da variação lingüística no espaço, na forma da coleta, ordenação e tratamento cartográfico de variantes geolingüísticas (ALERS, 2002).

Para recobrir a Região Sul, estabeleceu-se uma rede constituída de 275 pontos para a área rural, aos quais se somam 19 pontos da urbana. Os informantes contatados deviam ser moradores de áreas rurais, nascidos e residentes no local, e de pais também da área, com idade entre 28 e 58 anos preferencialmente. Se casados, os cônjuges deviam ser originários da mesma localidade ou, ao menos, do mesmo município. Em termos de escolaridade, o perfil desejado pela equipe de inquiridores era de informantes sem ou com baixa escolaridade (até a 4ª série). Os entrevistados não podiam ter feito muitas viagens ou residido fora da localidade até os 20 anos, nem depois por mais de 6 meses. Além disso, necessitavam apresentar boas condições de fonação assim como tempo e disposição para as entrevistas.

O instrumento de coleta de dados do projeto ALERS abrange um questionário de aproximadamente 700 perguntas que trata de fenômenos fonético-fonológicos, morfossintáticos e semântico-lexicais, ao qual se juntam trechos de conversas livres. A aplicação desse questionário resultou em um banco com 300.000 dados orais (ALERS, 2002).

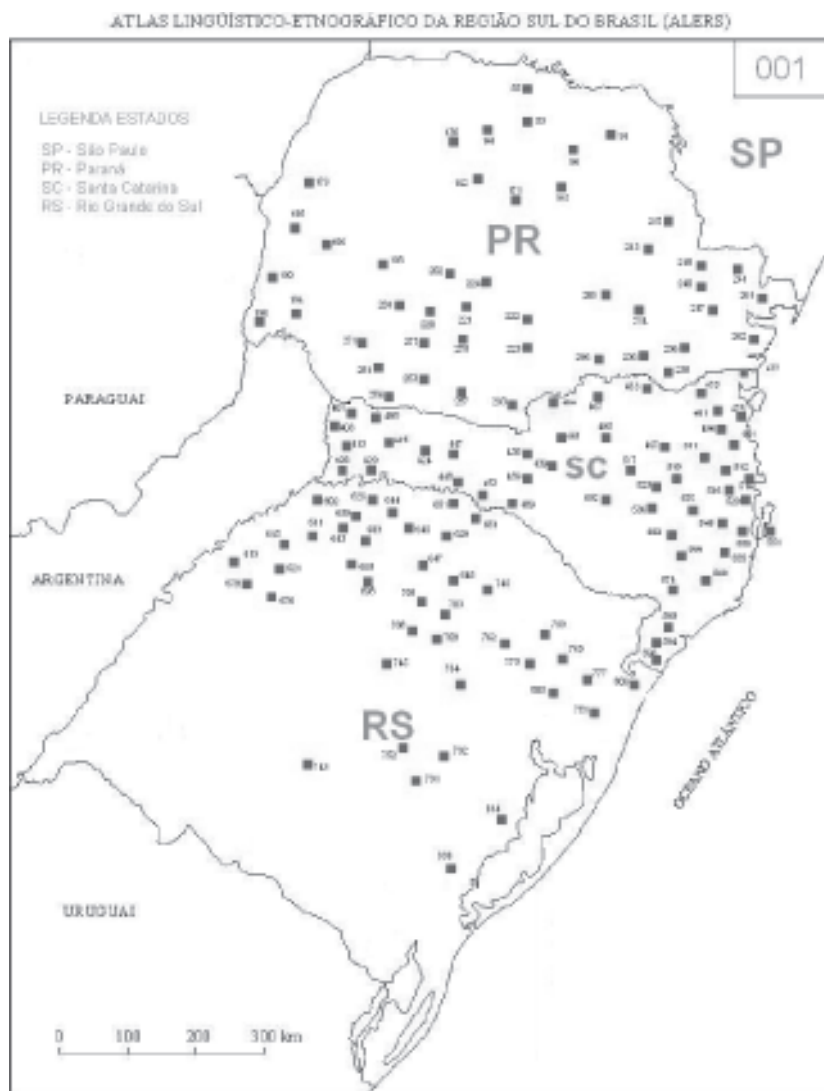
3.1 A etnia alemã nos pontos de inquérito do ALERS

No Mapa 1, a seguir, tem-se uma visão global dos pontos de inquérito do ALERS em que se verificam comunidades de imigrantes alemães na Região Sul do Brasil, porém, devido aos critérios adotados pelo projeto para a seleção das localidades de sondagem, está-se longe de dar conta de toda área de imigração alemã no Sul do país.

Na maior parte dessas localidades, evidencia-se também a presença de outras etnias além da alemã.

3.1.2 Perfil dos informantes bilíngües em alemão e português do ALERS

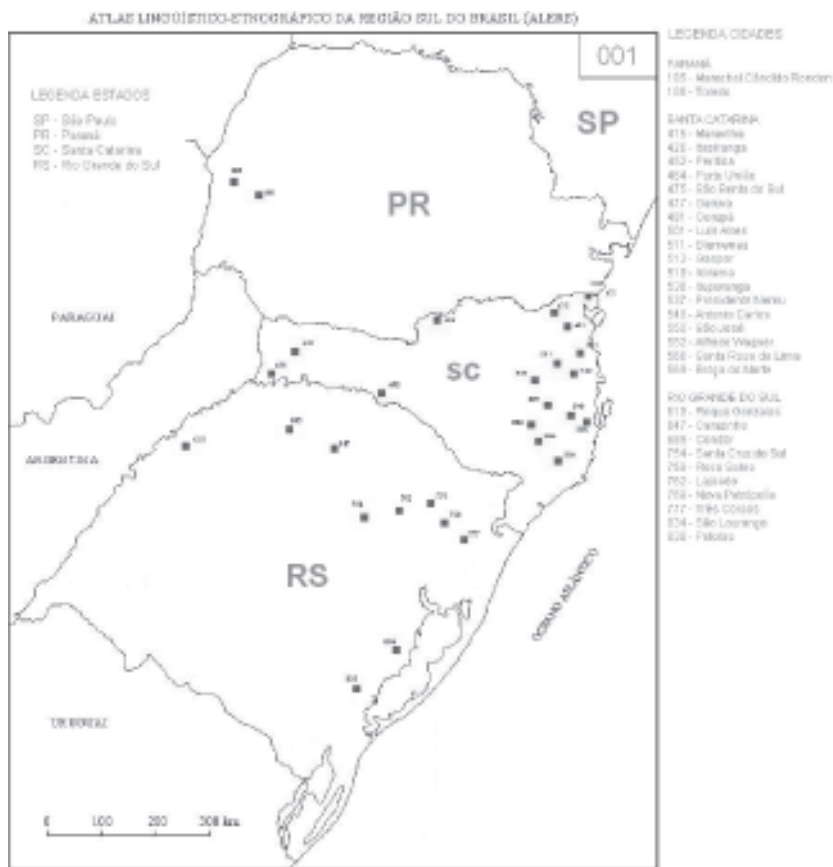
Totalizaram 30 informantes bilíngües. 18 deles em Santa Catarina, 10 no Rio Grande do Sul e, no Paraná, há o registro de apenas 2 entrevistados. Essa distribuição irregular deve-se à forma de tratamento dos dados pelo ALERS. Quanto ao grau de escolaridade, embora os critérios de seleção do projeto prefixem também informantes analfabetos, observa-se que todos os bilíngües em alemão e português são escolarizados. Quando foram iniciadas as entrevistas para coleta de dados do projeto, a idade dos informantes teuto-brasileiros variou de 29 a 75 anos. A maioria, porém, encontra-se na faixa acima dos 50 anos, e provavelmente deve ter passado pelas campanhas de nacionalização do ensino, que impedia as populações bilíngües de assumirem abertamente seu bilingüismo.



Mapa 1: Pontos do ALERS com comunidades de etnia alemã

Fonte: Adaptado do ALERS (2002)

No Mapa 2, a seguir, destacam-se os pontos do ALERS nos quais há comunidades bilíngües em alemão e português e, conseqüentemente, informantes bilíngües:



Mapa 2: Pontos do ALERS com informantes bilíngües em alemão-português

Fonte: Adaptado do ALERS (2002)

É importante retomar, a partir do Mapa 2, mais detalhadamente as comunidades de imigração alemã na Região Sul, como se viu na seção 2.1. O conhecimento dessas áreas permite-nos ter sob controle aspectos extralingüísticos que funcionam como instrumentos subsidiários à análise e a conclusões de ordem lingüística.

No Rio Grande do Sul, as localidades de Nova Petrópolis, Três Coroas, Lajeado, Roca Sales e Santa Cruz do Sul são o berço da colonização alemã no século XIX, assim como, na mesma época, chegava ao município de São Lourenço do Sul um grupo de 88 alemães. Já a cidade de Pelotas é reduto pomerano e vivenciou, por volta de 1880, um processo de colonização atípico, pois os imigrantes alemães foram fixados de forma descontínua, entre colônias de outras etnias, na periferia de um município luso-brasileiro. Condor é um município próximo a Cruz Alta, de origem luso-guarani, mas também acolheu outras etnias, no final do século XX. Carazinho situa-se exatamente no divisor das bacias hidrográficas do Uruguai e do Jacuí, onde imigrantes alemães e italianos juntaram-se à população local, formada por paulistas descendentes de portugueses, na primeira década do século XX. No mesmo período, a cidade de Roque Gonzales, que faz fronteira com a Argentina por meio do Rio Uruguai, foi colonizada por teuto-brasileiros oriundos de antigas colônias alemãs do leste gaúcho.

Em Santa Catarina, a cidade São Pedro de Alcântara é área precursora, no século XIX, da colonização alemã no Estado. Nos municípios de Antônio Carlos, São José e Alfredo Wagner, há domínio de comunidades alemãs. De igual forma se encontram no Sul do Estado, nas cidades Santa Rosa de Lima e Braço do Norte, descendentes de alemães e italianos. Na região do Vale do Itajaí, observam-se duas colônias alemãs presentes nos municípios de Brusque e Blumenau. Na cidade de Gaspar, que fica entre as antigas colônias do Vale do Itajaí, aparentemente, verifica-se somente a presença de alemães. Já Ibirama, Ituporanga e Presidente Nereu, que são localidades próximas a Brusque, além da presença dos des-

cententes de alemães, evidenciam-se italianos. O município de Luiz Alves é vizinho a Blumenau. Na região Norte de SC, nos municípios de Garuva, Corupá e São Bento do Sul, próximos a Joinville, concentra-se também uma colônia alemã. Por fim, na região Oeste de SC, os alemães estão presentes em Itapiranga e Peritiba, já em Maravilha, além de descendentes de alemães, há também italianos.

No Paraná, a maior colônia alemã se localiza em Marechal Cândido Rondon embora faça divisa com o Paraguai. Este município foi desmembrado de Toledo e instalado oficialmente em 1961, onde também se concentram descendentes de alemães e italianos.

Destaca-se que, em onze municípios do ALERS, as comunidades são de maioria bilíngüe em alemão e português. Sete cidades são do RS e quatro de SC. Nos 23 municípios restantes de ambos estados, conforme visualizado no Mapa 2, evidencia-se a presença de outras etnias, como a italiana, francesa, polonesa, etc. No PR, nas duas localidades identificadas, a comunidade é formada também por italianos e poloneses.

4 A língua em uso: traço formador da identidade alemã

A fim de manterem características identificatórias por se agregarem a valores socioculturais, as normas lingüísticas se mesclam e se influenciam mutuamente. Conforme Guy (2002, p. 18),

a participação como membro em uma comunidade de fala é definida por contraste, em função do uso de traços específicos da comunidade: usá-los mostra que você é um membro, e não os usar mostra que você é um intruso.

Hoje, a questão da identidade do indivíduo teuto-brasileiro se coloca, de um lado, com uma forte conotação étnica, definida

pelo sobrenome da família, pela etnia e pela língua e, de outro, com esfacelamento de seus modos de vida, devido à industrialização e urbanização.

No ambiente familiar e entre amigos, principalmente nas comunidades rurais, verifica-se que a língua alemã continua sendo a língua predileta, conforme os resultados encontrados por Sufredini (1993) em uma pequena comunidade do interior de Santa Catarina. Segundo a autora, cerca de 75% dos informantes revelaram falar alemão com os pais e avós.

Por outro lado, há comunidades que sofreram uma redução de uso da língua alemã pelo deslocamento para zonas rurais. Perdeu-se o status de língua empregada nos processos de escolarização e na imprensa em função das políticas no âmbito estadual e federal que visam ao monolíngüismo em português (MAILER, 2003), ou ainda, de língua de prestígio até o período da Ditadura de Vargas (1937-1945), devido ao deslocamento para áreas rurais, passa a ser considerada língua de “colono”.

Paulatinamente, nas escolas e nos meios de comunicação, o português está ganhando terreno entre os teuto-brasileiros e a questão lingüística nas áreas de imigração alemã passa pelo processo de lusitanização das gerações mais jovens, pois o português tende a se difundir cada vez mais entre os descendentes de imigrantes e ser o símbolo da cidade, das camadas mais altas da população e da escola. A língua portuguesa passa a ser a língua dominante e a ter importância na vida social e econômica do teuto-brasileiro. Essa atitude valorativa começa a ser sentida também entre a geração que não teve acesso à escola alemã. Mesmo os falantes de dialetos do alto alemão e que não tiveram escolarização nesta língua acabaram preferindo o português (VANDRESEN, 1980, p. 379).

A explicação para a tendência do uso do português pelo teuto-brasileiro talvez seja encontrada na questão da densidade de comunicação. O contato relativamente alto do teuto-brasileiro com fa-

lantes lusos, devido à vida social e econômica, possibilitou adquirir destes certos traços lingüísticos do português. Ocorre, porém, que a forma de aprendizagem do português acarretou na adoção de traços [+padrão]. Nesse caso, o “padrão” tende a ser associado, grosso modo, à gramática normativa da língua portuguesa que foi imposta nas escolas comunitárias, acarretando na perda da forma escrita da língua alemã. A fim de que não fossem perseguidas, presas e até torturadas, simplesmente por falarem suas línguas maternas, em público ou em casa, os imigrantes viram-se obrigados a adotar a língua nacional, conseqüentemente as regras impostas pela gramática normativa.

Ressalte-se, todavia, conforme Guy (2000, p. 20), que a mera exposição a um traço lingüístico não é suficiente para propiciar a acomodação e a aquisição do mesmo, antes, porém, há a questão de atitudes e vontades: os falantes querem se acomodar a outros? Portanto, naquelas comunidades em que até hoje conservam-se a língua e a cultura do imigrante alemão, verificam-se dois sentimentos no uso da língua: um positivo, presente na decoração das casas, na participação de grupos folclóricos alemães, ou nos momentos de diversão (STEINER, 1998); outro, negativo, que o associa à língua de colono, devido ao deslocamento para as áreas rurais.

Assim, enquanto a identidade étnica for responsável pela coesão do grupo e se mantiver viva no seio dos descendentes alemães, o bilingüismo poderá ser preservado mesmo em comunidades urbanas e industrializadas.

Na próxima seção, nosso olhar recairá sobre os onze municípios em que se identificaram falantes bilíngües em comunidades de maioria bilíngüe em alemão e português, visto que tendem a apresentar uma variedade distinta do português, devido justamente às especificidades lingüísticas de seus falantes e às condições de aprendizagem da língua oficial do Brasil. Além disso, os informantes do ALERS, em sua maioria, são provenientes de regiões rurais da Re-

gião Sul. Importa saber de que maneira esse informante teuto-brasileiro tende a empregar a lateral palatal.

5 Um traço lingüístico do português na fala do informante teuto-brasileiro do ALERS

O teuto-brasileiro do ALERS como membro de uma comunidade de fala bilíngüe tende a adotar traços [+padrão] no uso do português, segundo Altenhofen (2002, p. 132). Porém, segundo a literatura, informantes monolíngües em português com baixa escolaridade e residentes de áreas rurais apresentam alta frequência de uso da variante vocalizada da lateral palatal. Trata-se de uma forma estigmatizada comumente associada a variedades desprestigiadas do português (OLIVEIRA, 1983; MELO, 1981; SILVA NETO, 1986; CAGLIARI, 1974; SILVEIRA, 1982; AGUILERA, 1988).

A dúvida então está posta: o teuto-brasileiro produz a variante [+padrão] da lateral palatal ou a variante estigmatizada, mais comum entre os falantes de comunidades rurais? Para responder a esse questionamento, selecionaram-se dez perguntas em cujas respostas os informantes do ALERS tivessem de produzir em português palavras que contêm as variantes do fonema.

Contrariando o padrão de uso das comunidades rurais, a fala dos teuto-brasileiros do ALERS revelou-se mais conservadora, re-produzindo mais intensamente os traços do português, tendo em vista a produção de modo mais intenso da variante [+padrão] do português, conforme expectativa apresentada em Altenhofen (2002) para outros fenômenos.

O ensino escolar em português, as relações econômicas com outras comunidades e agentes comerciais externos ao lugar, o acesso aos meios de comunicação, especialmente o rádio, tendem a marcar a fala do teuto-brasileiro, forçando-o a tornar-se um falante do português. Pode-se supor que a causa desse comportamento

lingüístico deve-se ao baixo grau de bilingüismo português/alemão, maior contato com falantes monolíngües em português e acesso aos meios de comunicação, especialmente a televisão.

6 Considerações Finais

Pretendeu-se, neste artigo, identificar um dos traços lingüísticos do português compartilhado pelos informantes teuto-brasileiros das comunidades bilíngües do projeto Atlas Lingüístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil. Verificou-se que a tendência do informante bilíngüe é adotar traços [+padrão] no uso do português, confirmada por meio do uso da lateral palatal, embora a expectativa fosse pelo emprego da variante vocalizada que tem predomínio nas comunidades rurais do país. Essa tendência de uso deve-se principalmente ao ensino escolar do português e a outros fatores de ordem social e econômica. Vive o teuto-brasileiro a tendência ao monolíngüismo em português devido a este ser o símbolo da cidade, das camadas mais altas da população e da escola.

No entanto, observa-se que, em algumas comunidades, enquanto a identidade étnica for responsável pela coesão do grupo e se mantiver viva no seio dos descendentes alemães, o bilingüismo poderá ser preservado mesmo em comunidades urbanas e industrializadas.

Referências Bibliográficas

ALERS, Atlas Lingüístico-Etnográfico da Região Sul. Organizado por KOCH, Walter; KLASSMANN, Mário S.; ALTENHOFEN, Cléo V. Porto Alegre, Florianópolis, Curitiba: Ed. UFRGS, EdUFSC, UFPR, 2002. 2 volumes.

ALTENHOFEN, C. V. Áreas lingüísticas do português falado no Sul do Brasil: um balanço das fotografias geolingüísticas do ALERS. In: VANDRESEN, P. Variação e mudança no português falado na região sul. Pelotas: EDUCAT, 2002. p. 115-145.

_____. Política lingüística, mitos e concepções lingüísticas em áreas bilíngües de imigrantes (alemães) no Sul do Brasil. 2004. Disponível em: <http://ibero-americana.net/files/ejemplo_por.pdf>. Acesso em: 17 jan. 2008.

ALVES JR. O. A língua alemã em Antônio Carlos e Biguaçu. São Paulo: Brasil-Post, edição nº 2554, de 28 jan. 2000. p. 8.

BORSTEL, C. von. Identidades étnicas e situações de uso de línguas. Palavra, volume temático: línguas em contato, Rio de Janeiro: Trarepa, 2003.

CARNEIRO, L. G. Dezenas de colônias no interior e 50 mil imigrantes. In: RS VIRTUAL, 8 set. 2007. Disponível em: <http://www.riogrande.com.br/rio_grande_do_sul_alemaes_deze..._imigrantes-o3102-en.html>. Acesso em: 14 jan. 2008.

GUY, G. A identidade lingüística da comunidade de fala: paralelismo interdialetoal nos padrões de variação lingüística. Organon, v. 14, n. 28-29, 2000.

HERÉDIA, V. A imigração européia no século passado: o programa de colonização no Rio Grande do Sul. Scripta Nova, Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales Universidad de Barcelona, n 94 (10), 1 ago. 2001. Disponível em: <<http://www.ub.es/geocrit/sn-94-10.htm>>. Acesso em: 16 jan. 2008.

KAHMANN, C. I. Interferência entre a língua portuguesa e um dialeto alemão. 1987. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Florianópolis, 1987.

MACKEY, W. The description of bilingualism. In: FISHMAN, Joshua A. Reading in the sociology of language. 3. ed. New York: Linguistic Circle & The Hague, Mouton, 1972.

- MAILER, V. C. de O. O alemão em Blumenau: uma questão de identidade e cidadania. 2003. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós-Graduação em Lingüística, Florianópolis, 2003.
- MARGOTTI, F. W. Difusão sócio-geográfica do português em contato com o italiano no sul do Brasil. 2004. Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Letras. Programa de Pós-Graduação em Letras. Porto Alegre, 2004.
- SEYFERTH, G. A colonização alemã no Vale de Itajaí-Mirim: um estudo de desenvolvimento econômico. Porto Alegre: Ed. Movimento, SAB, 1999.
- STEINER, M. E. E. O bilingüismo em áreas urbanas de colonização alemã: um estudo em Jaraguá do Sul. 1988. 233f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Florianópolis, 1988.
- SUFREDINI, L. C. S. Aspectos do bilingüismo alemão/português numa comunidade rural do oeste catarinense. 1993. 267f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Florianópolis, 1993.
- VANDRESEN, P. Contatos lingüísticos em Santa Catarina. Separata do III Colóquio de estudos teuto-brasileiros. Porto Alegre: UFRGS, 1980.
- _____. O ensino do português em áreas bilíngües: uma perspectiva histórica. Atas do 1º Congresso Internacional da ABRALIN: conferências e mesas-redondas. Salvador, 11-16 de setembro de 1994. Org. por Jacyra Mota e Vera Rollenberg. Salvador: UFBA, 1996.
- VILELA, Soraia. O alemão lusitano no Sul do Brasil. Deutsche Welle, 20 abr. 2004. Disponível em: <http://www.dw-world.de/popups/popup_printcontent/0,,1174391,00.html>. Acesso em: 15 jan. 2008.
- WEINREICH, U. Languages in Contact. New York: Linguistic Circle & The Hague, Mouton, 1953.

Normas técnicas para inscrição de artigo

Meios: Os originais devem ser encaminhados em papel A4 (1 cópia) e também em disquete (arquivo em formato Word), para o endereço: Campus Professor Alberto Carvalho, NÚCLEO DE LETRAS (EdNul), Av. Vereador Olímpio Grande s/n, Bloco C – Itabaiana-Se. cep: 49000-000

Também serão aceitas inscrições pelo envio desta ficha de inscrição juntamente com o arquivo contendo o artigo atachado à mensagem para o endereço eletrônico: calmag@bol.com.br

Formatação: Devem ser digitados em espaço 2,0, com 30 linhas por lauda e extensão máxima de 10 laudas. Além das cópias e do disquete, o envelope deve conter a ficha de inscrição devidamente preenchida.

Título: O título deve ser breve, específico e descritivo, com palavras representativas do conteúdo.

Resumo: Os artigos deverão ser acompanhados por resumo em português, com no máximo 10 linhas ou 100 palavras, nos quais sejam apresentados: objetivo, método, resultados e conclusões do trabalho.

Palavras-chave: Os artigos devem conter palavras-chave referentes ao seu conteúdo.

Citações: As citações devem ser acompanhadas por uma chamada para o autor, com o ano e o número da página exemplo: (NITRINI, 1999, p. 15) . A referência bibliográfica da fonte da citação virá em lista única ao final do artigo.

Notas: As notas de rodapé devem ser evitadas. Quando necessárias, devem ter a finalidade de: indicações bibliográficas; observações complementares; realizar remissões internas e externas; introduzir uma citação de reforço ou fornecer a tradução de um texto.

Referências bibliográficas: Devem constituir uma lista única ao final do artigo, em ordem alfabética, por sobrenome de autor. Devem ser completas, conforme os exemplos a seguir:

Monografias:

CANDIDO, Antonio. *Formação da Literatura Brasileira – Momentos decisivos*. 3.ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 1994. 2v.

Artigos em periódicos:

LAFETÁ, João Luiz. “Uma fotografia na parede”. *Literatura e sociedade – Revista de teoria literária e literatura comparada da USP*, São Paulo, v.2, p. 26-36, 1997.

Currículo: Devem constar no artigo informações quanto à titulação acadêmica do autor e respectiva instituição, atividades que desempenha e instituição a que está vinculado.

Resultado: os resultados da seleção serão divulgados via e-mail aos participantes selecionados.

Importante: O descumprimento de alguns dos requisitos acima poderá acarretar a desclassificação do artigo do processo de seleção. Em caso de dúvidas entre em contato com o conselho editorial pelo e-mail: calmag@bol.com.br

Conselho Editorial